

Breve estudo sobre a ocorrência de *Buriti* e de suas variantes como designativos toponomásticos na mesorregião Central Mineira

A brief study on the occurrence of *Buriti* and its variants as toponomastic designations in the Mineira Central Region

Patrícia de Cássia Gomes PIMENTEL*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar, de forma breve, um estudo onomástico-toponímico sobre a ocorrência do termo *Buriti* e de suas variantes em uma das doze mesorregiões do Estado de Minas Gerais: a Central Mineira. Para esta análise, orientamo-nos pelos pressupostos teórico-metodológicos da Toponímia propostos por Dauzat (1926) e por Dick (1990a; 1990b) e pelos procedimentos metodológicos adotados pelo Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – do qual inclusive provêm os nossos dados sincrônicos. Os dados toponímicos analisados possibilitaram-nos compreender melhor que a formação do espaço toponomástico está intimamente ligada não só ao contexto ambiental, mas também social de um povo.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. *Buriti*. Mesorregião Central Mineira. Minas Gerais.

ABSTRACT: The aim of this research is to present, in a brief way, an onomastic-toponymic study on the occurrence of the term *Buriti* and its variants in one of the twelve regions of the Minas Gerais state: the Central Mineira Region. For this analysis, we followed the references, theoretical and methodological, proposed by Dauzat (1926) and by Dick (1990a; 1990b) to the Toponymy, and methodological procedures adopted by the ATEMIG Project - Minas Gerais state toponymic Atlas - which our synchronous data come from. The toponymic data analyses showed that the formation of the toponomastic space is closely connected to the environmental and social contexts of a group.

KEYWORDS: Toponymy. *Buriti*. Mineira Central Region. Minas Gerais.

* Mestre e doutoranda em Estudos Linguísticos pelo POSLIN-UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0105-1638>. patriciacgp@ufmg.br.

1 Introdução

A Onomástica, área da linguística que se integra à Lexicologia (o estudo científico do léxico) e que possui como objeto de investigação o nome próprio, está tradicionalmente dividida em duas subáreas: a Antroponímia e a Toponímia.

No campo da Toponímia, é preciso destacar que os estudos não se restringem às análises da nomenclatura dos designativos geográficos, em sua bipartição física (rios, morros, etc.) ou antropocultural (povoados, cidades, etc.), mas funcionam como registro e forma de perpetuação “das tradições de um povo ou de registro de suas características mais evidentes” (DICK, 1990b, p. 119). Em outras palavras, para dar conhecimento às gerações futuras, a Toponímia reserva-se o direito de apreender o presente, a partir de aspectos da história social de um lugar, como formação étnica, processos migratórios, sistema de povoamento, bem como de suas características ambientais (vegetação, hidrografia, fauna...), fato este que coloca em destaque a sua função conservadora.

Em Minas Gerais, a Toponímia concentra grande riqueza de dados e amplas possibilidades de estudo, em razão da diversidade étnica e linguística que se fez presente nesta parte do território – indígenas, africanos e portugueses – e da diversidade de espécies vegetais e animais oriundas dos biomas que o integram – Cerrado, Mata Atlântica, Campos de Altitude ou Rupestres e Caatinga.

Em se tratando especificamente da mesorregião Central Mineira e da sua cobertura vegetal, a nomenclatura geográfica dessa parte do território mineiro registra inúmeras designações de árvores, arbustos, plantas, como denominativas de acidentes humanos e físicos, em especial com o termo *buriti*, característico do bioma Cerrado. Segundo Sampaio (1987, p. 209), o termo *buriti* é oriundo “do tupi “mbiriti, árvore que emite líquido; a palmeira. (*Mauritia Vinifera*, Mart.) Alt. Murity, Murity, Mority”.

Nesse sentido, seja na realidade conhecida e vivenciada “ou no chamado universo ambiental em que o homem se organiza, individual e comunitariamente, que

se encontram as influências (...) E é nessa mesma cadeia de possibilidades que os topônimos se estruturam em estratos de diversas naturezas” (DICK, 1990a, p. 61).

Isto significa que *Buriti* e suas variantes transformaram-se em fitotopônimos, segundo o modelo taxonômico de Dick (1990b) para a toponímia brasileira, a partir do mecanismo de nomeação que os elevaram de lexias comuns da língua à categoria de nomes próprios. Os fitotopônimos são assim: categorias extremamente produtivas como apontam as pesquisas realizadas nesta área, aparecendo quase sempre no topo em termos de número de ocorrência em estudos sobre a toponímia brasileira. Os projetos do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (Projeto ATEMS) e do Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Projeto ATEMIG), por exemplo, apontam essa categoria de topônimos como a mais produtiva (1º lugar de ocorrência), nas duas unidades da Federação cobertas por esses projetos.

A seguir, passamos ao breve estudo dos designativos de lugares, formados a partir da unidade lexical *buriti* e de suas variantes, na mesorregião Central Mineira.

2 Origem do corpus

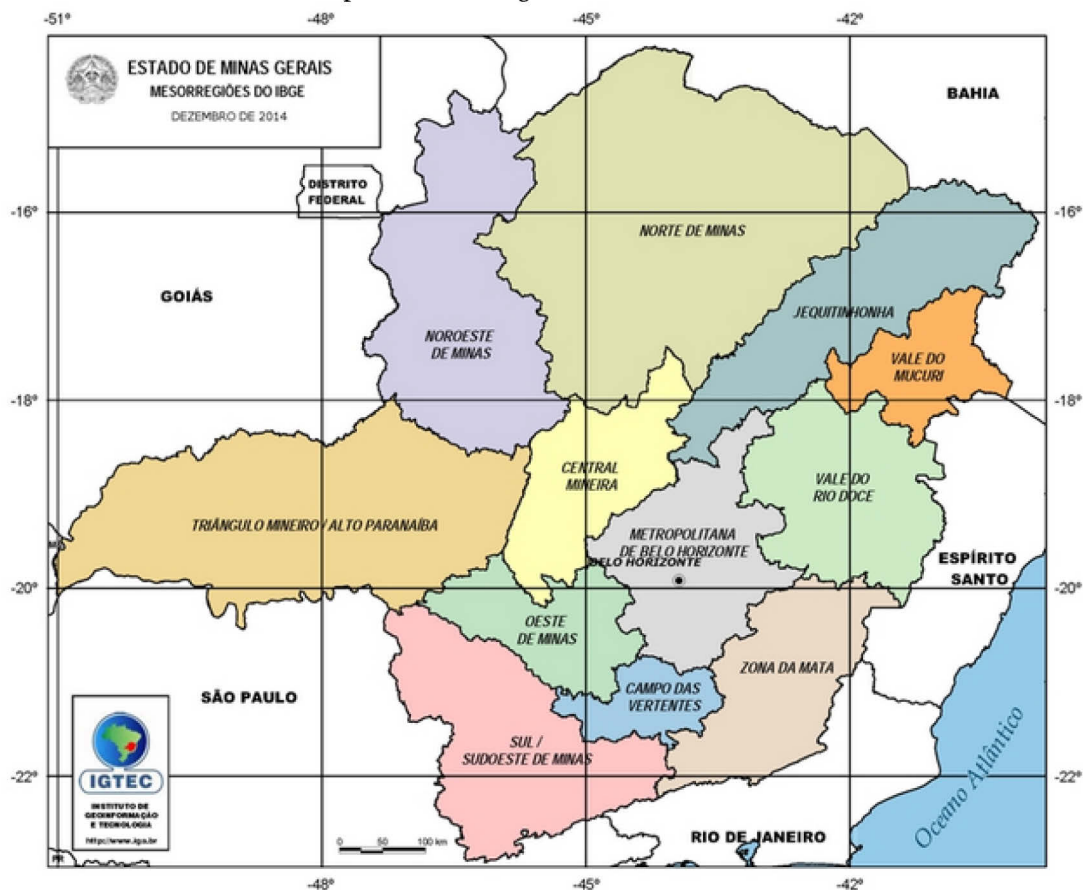
Todos os topônimos formados a partir do termo *buriti* referentes à mesorregião Central Mineira foram recolhidos do banco de dados sincrônico do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – os quais foram compilados a partir de cartas topográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, com escalas entre 1:50.000 e 1:250.000.

Seguindo orientações teóricas e metodológicas propostas por Dauzat (1926) e Dick (1990a; 1990b), esse Projeto em desenvolvimento na Faculdades de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) há quase 20 anos, sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, vem detalhando e revelando a realidade toponímica de todo o território mineiro, a partir do levantamento de todos

os nomes de lugares presentes nos 853 municípios, perfazendo até o presente momento 85.391 (oitenta e cinco mil trezentos e noventa e um) topônimos.

Essa coleta de dados foi feita seguindo divisão proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a qual dividiu o estado de Minas Gerais em doze mesorregiões – Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata – conforme apresentação no mapa a seguir.

Mapa 1 – Mesorregiões de Minas Gerais.



Fonte: IBGE.

No entanto, é preciso esclarecer que, em 2017, o IBGE passou a adotar metodologia comum na divisão do território nacional brasileiro e, para tanto, revisou

as unidades mesorregionais e microrregionais, as quais receberam, respectivamente, os nomes de Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas. Considerando que o banco de dados do Projeto ATEMIG está organizado segundo a divisão anterior, ou seja, em meso- e microrregiões, e que não há impactos para o desenvolvimento de trabalhos com caráter onomástico-toponímicos, seguiremos a orientação adotada no referido Projeto.

3 Características da mesorregião Central Mineira e do bioma Cerrado

A mesorregião Central Mineira é formada pela junção de trinta municípios, os quais se encontram divididos em três microrregiões – Três Marias, Curvelo e Bom Despacho. Cada uma dessas microrregiões é formada por uma quantidade ímpar de municípios conforme distribuição a seguir:

Microrregião de Três Marias: Abaeté, Biquinhas, Cedro do Abaeté, Morada Nova de Minas, Paineiras, Pompéu e Três Marias.

Microrregião de Curvelo: Augusto de Lima, Buenópolis, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba, Joaquim Felício, Monjolos, Morro da Garça, Presidente Juscelino e Santo Hipólito.

Microrregião de Bom Despacho: Araújos, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Estrela do Indaiá, Japaraíba, Lagoa da Prata, Leandro Ferreira, Luz, Martinho Campos, Moema, Quartel Geral e Serra da Saudade.

Considerando os biomas brasileiros, podemos afirmar que essa região se encontra em uma área de cerrado, sendo que sua vegetação se compõe de gramíneas, arbustos e árvores. Além disso, abrange terras drenadas pelo rio São Francisco e por um de seus afluentes (o rio das Velhas), tendo ainda como características naturais o relevo de topografia suave. Além disso, essa região abriga importantes espécies da fauna, como tamanduá, tatu, jiboia, cascavel e o cachorro-do-mato.

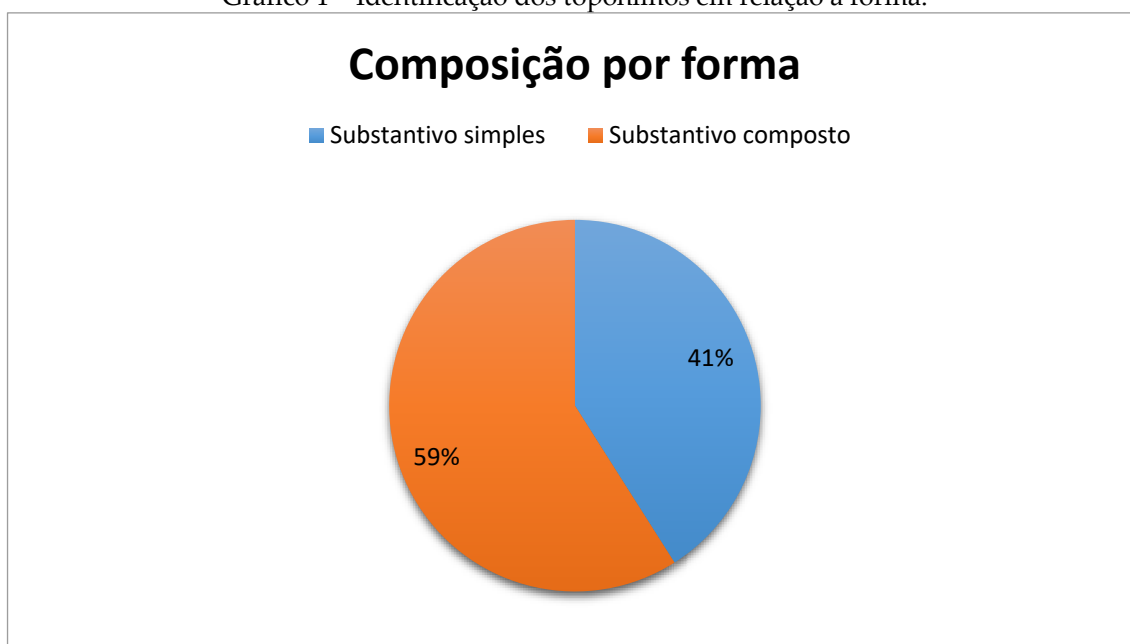
4 *Buriti* e suas variantes – apresentação e análise de dados

Conforme já mencionado, a taxonomia dos fitotopônimos é extremamente produtiva em todo território mineiro e brasileiro, como apontam as pesquisas já realizadas por Seabra (2009) e Isquerdo e Seabra (2010). Seguindo essa tendência geral, verificamos que o fitotopônimo *buriti* apresenta produtividade significativa na mesorregião Central Mineira, com 78 ocorrências, e figura nas três microrregiões, daí o propósito deste estudo centrar-se nesse recorte toponímico. Em termos numéricos, *buriti* só apresenta para essa mesorregião menos dados que *capão*, outro fitotopônimo extremamente recorrente.

No corpus pesquisado, o gênero masculino é dominante, ou seja, corresponde 100% dos dados. Em relação à forma dos topônimos, podemos dividi-los conforme a quantidade de radicais que apresentam em sua estrutura: simples (um radical) ou compostos (dois ou mais radicais). Temos que os topônimos simples, formados a partir do termo masculino *buriti*, representam 32 ocorrências ou 41% dos dados, enquanto os topônimos compostos ocorrem de maneira mais frequente, alcançando 59% ou 46 ocorrências. A seguir, listamos os dados analisados seguidos do seu número de ocorrência, o qual se encontra registrado entre parênteses.

- Substantivo simples – *buriti* (20); *buritzal* (2); *buritizinho* (9); *buritizinhos* (1).
- Substantivo composto – *buriti comprido* (3); *buriti curto* (2); *buriti da barra* (1); *buriti da boiada* (1); *buriti da cachoeira* (4); *buriti de Antônio Alves de Souza* (1); *buriti de Francisco Faria* (1); *buriti de João Nunes* (1); *buriti de Francisco Faria* (1); *buriti de Odileia F. de Souza* (1); *buriti do Amorim* (1); *buriti do atoleiro* (2); *buriti do carro* (1); *buriti do Cordovil* (2); *buriti do fundo* (1); *buriti do Jorge* (2); *buriti do meio* (3); *buriti do salto* (1); *buriti do Severino* (1); *buriti dos Almeidas* (2); *buriti dos Borges* (1); *buriti dos Coelhos* (1); *buriti dos Coutos* (2); *buriti dos monjolos* (2); *buriti dos Pereiras* (1); *buriti dos quilombos* (2); *buriti fundo* (1); *buriti grande* (1); *buriti mirim* (1); *buriti quebrado* (1); *buritizinho de José Alvim* (1).

Gráfico 1 – Identificação dos topônimos em relação à forma.



Fonte: elaborado pela autora.

Como topônimos simples, os nomes masculinos se dividem em: 31 topônimos ou 39,7% das ocorrências na forma de [Ssing] e somente 1 topônimo na forma de [Spl] que corresponde a 1,3% das ocorrências. O restante dos nomes de lugares, ou seja, 46 dados, são topônimos compostos, o que equivale a 59% do total dos dados, e todos eles se encontram na forma de [Ssing].

Também analisamos a estrutura morfológica dos nomes compostos. Para tanto, baseamo-nos nos esquemas classificatórios de Seabra (2004), em que as unidades mínimas de significação foram apresentadas. Os 59% dos nomes compostos masculinos são constituídos das seguintes estruturas morfológicas:

[Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = 35% das ocorrências

[Ssing + {Prep. + Apl + Spl}] = 26% das ocorrências

[Ssing + AD]sing] = 19,6% das ocorrências

[Ssing + {Prep + Asing + ADV}] = 8,7% das ocorrências

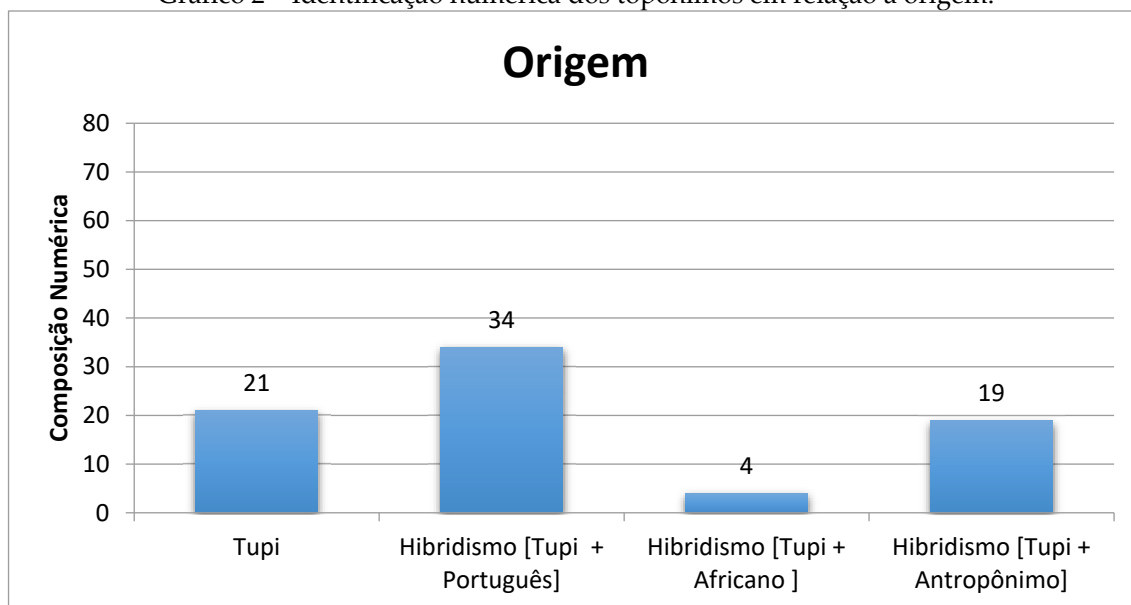
[Ssing (+ Prep + Ssing + Ssing)] = 4,3% das ocorrências

[Ssing + {Prep + Ssing + Ssing + Prep + Ssing}] = 4,3% das ocorrências

[Ssing + Suf + {Prep + Ssing + Ssing}] = 2,1% das ocorrências

Abreviações utilizadas: ADJsing – Adjetivo singular; ADV – Advérbio; Apl – Artigo plural; Asing – Artigo singular; Prep – Preposição; Spl – Substantivo plural; Ssing – Substantivo singular e Suf – sufixo.

Gráfico 2 – Identificação numérica dos topônimos em relação à origem.

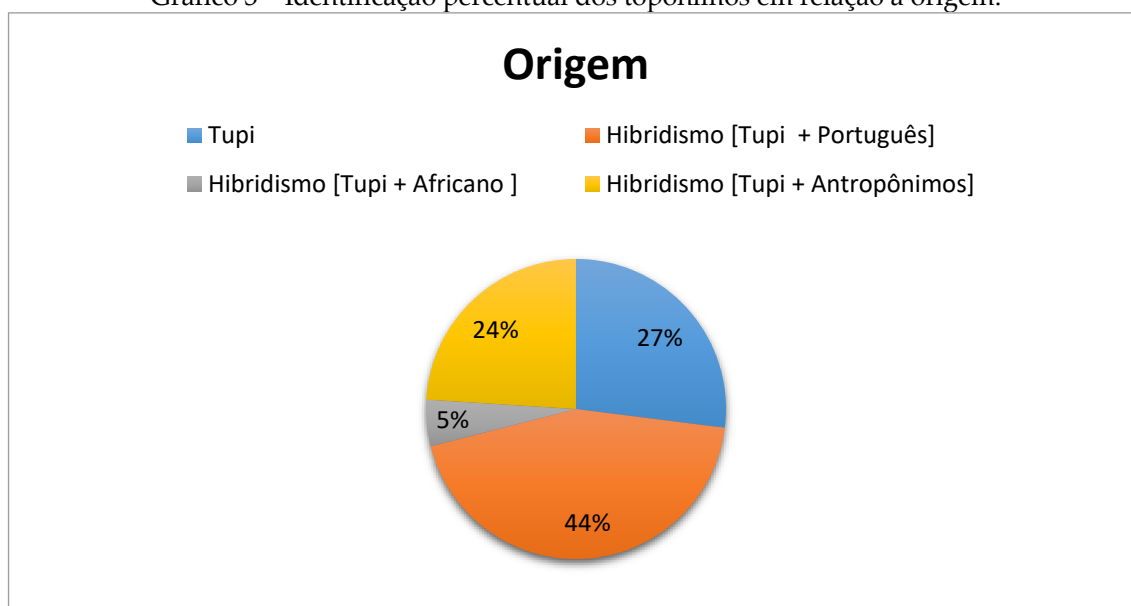


Fonte: elaborado pela autora.

No tocante à origem dos topônimos oriundos da lexia *buriti*, como se pode observar pelos gráficos 2 e 3 em que são mostrados os dados numéricos e percentuais dos topônimos analisados, a mesorregião Central Mineira apresenta, conforme já mencionado, 78 ocorrências no total, sendo que destas a maioria se verifica para o hibridismo Tupi + Português, com 34 dados ou 44%, seguida da origem Tupi, com 21 dados ou 27%. Ainda sobre os nomes de formação híbrida, a composição Tupi + Antropônimos¹ figura em terceiro lugar com 19 ocorrências, equivalendo a 24% do total dos topônimos pesquisados. Os topônimos formados por Tupi + Africano possuem o menor número de dados, ou seja, 4 ou 5% do número total de ocorrências.

¹ Não foram especificadas as origens dos topônimos híbridos formados por nomes de pessoas, os antropônimos, uma vez que este tópico não é objeto deste estudo.

Gráfico 3 – Identificação percentual dos topônimos em relação à origem.



Fonte: elaborado pela autora.

5 Considerações finais

Os 78 dados apresentados e analisados nos mostram que a forma alterada do termo *buriti* tem significativa importância para os estudos onomástico-toponímicos, em razão da sua alta frequência de ocorrência verificada tanto em Minas Gerais como em outras partes do território brasileiro.

Considerando o total de ocorrências, todas as formas se encontram sob gênero masculino, e 59% desses dados ou 46 nomes de lugares, formados a partir da base *buriti*, apresentam forma composta. Segundo Seabra (2004, p. 313), o recurso para formação de palavras conhecido como composição “(...) é o processo em que melhor se visualiza o espírito criador da língua, revelando formações que denotam um sentido agudo de observação e de expressividade”. Na maioria das vezes, compõe vocábulos transparentes, dispensando comentários.”, como observamos em *buriti grande*, *buriti mirim*, *buriti quebrado*.

Quanto à origem, verificamos uma forte influência das línguas portuguesa e tupi. Esses resultados nos remetem não só à história do estado em que se encontra a

região em estudo, mas também a história do país. O tupi, como se sabe, foi a língua mais falada da costa brasileira e se interiorizou

não só pelos próprios nativos como também pelo branco, que a assimilou e fez dela o seu veículo hábil de comunicação, no trato geral das relações quotidianas; - o europeu, e depois o mameluco, levou consigo, através das expedições exploradoras ou das bandeiras de conquista, o idioma brasílico e, conseqüentemente, os seus topônimos, a pontos extremos da terra americana, fora, mesmo, dos domínios de seus falantes naturais (...) (DICK, 1990b, p. 40).

Ainda sobre a distribuição das ocorrências dos topônimos formados pelo termo base tupi *buriti* e por suas variantes na mesorregião Central Mineira, é preciso dizer que ela coincide com a área coberta pelo bioma cerrado e é marcada pela presença de água – rio São Francisco e rio das Velhas. Segundo Isquerdo e Seabra (2010, p. 2), o cerrado abriga a maior abundância da palmeira *buriti* e a sua presença “representa um indicativo infalível da existência de água na região, por isso essa espécie de palmeira emoldura veredas, riachos, cachoeiras, não raras vezes próximos a brejos e a nascentes.”

Neste sentido, os estudos toponímicos revelam, cada vez mais, a interseção da Toponímia com outras áreas do conhecimento, como a Botânica, a Geografia, a História, a Linguística, pois é a partir das informações conjugadas por essas áreas que chegamos às conclusões aqui apresentadas.

Por fim, os resultados deste estudo, somados aos de Seabra (2009) e Isquerdo e Seabra (2010), confirmam a tese inicial de que as características do meio ambiente físico contribuem para a configuração de uma área toponímica condizente com a realidade vivenciada pelo homem de uma dada região.

Referências Bibliográficas

DAUZAT, A. **Les noms de lieux**. Paris: Delagrave, 1926.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo Estado de São Paulo, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2ª Ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1990b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Localização Geográfica**. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/conteudo/conhecaminas/geografia/localizacao-geografica>. Acesso em: 12 de set. 2020.

ISQUERDO, A.; SEABRA, M. C. T. C. de. A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. *In*: BARROS, L. A.; ISQUERDO, M. A. N. (org.). **O léxico em foco**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

SEABRA, M. C. T. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo**. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, M. C. T. de. **Fitotoponímia Mineira**. Belo Horizonte, 2009 (inédito).

Artigo recebido em: 26.09.2019

Artigo aprovado em: 03.10.2020